

Entre diásporas: o ciclo da migração alemã na ficção gaúcha*

Between diasporas: the German migration cycle in the gaucha fiction

Ermani Mügge**

Juracy Assmann Saraiva***

Resumo

O artigo analisa o tratamento estético concedido a um dos mais relevantes eventos históricos do Rio Grande do Sul, a imigração alemã, ocorrida a partir de 1824. Para tal, vale-se de três obras da literatura gaúcha: *A ferro e fogo: tempo de solidão*, de Josué Guimarães, *Um rio imita o Reno*, de Vianna Moog, e *A face do abismo*, de Charles Kiefer. A escolha dessas obras se justifica porque, a partir delas, nesta ordem, é possível reconstituir o ciclo histórico que inicia com o desembarque dos alemães em solo brasileiro, passa por seu assentamento na terra, revela conflitos gerados pelo preconceito e se encerra com a expulsão de descendentes de alemães das propriedades por eles conquistadas, até mesmo com o preço da vida de guaranis, em função da construção de uma barragem.

Palavras-chave

Imigração alemã; representação; ficção gaúcha; diáspora; ciclo migratório

Abstract

The article analyzes the esthetic treatment granted to one of the most relevant historical events of Rio Grande do Sul: the German immigration that took place from 1824 onwards. For such, it examines three literary works written by authors from Rio Grande do Sul: *A ferro e fogo I*, by Josué Guimarães, *Um rio imita o Reno*, by Vianna Moog, and *A face do abismo*, by Charles Kiefer. The reason for choosing these works lies in the fact that, throughout their plots, read in the order above mentioned, it is possible to reconstitute the historical cycle that begins with the German's landing on Brazilian soil, evolves towards their settlement, reveals conflicts caused by prejudice and is concluded when their descendants are expelled from the properties they had conquered – even at the cost of lives of indigenous people, the so-called Guarani – due to the construction of a dam.

Keywords

German immigration; representation; Rio Grande do Sul's fiction; diaspora; migratory cycle

* Artigo de autores convidados. Texto resultante de projeto com apoio do CNPq e da Fapergs.

** Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista PNPd-Capes no Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS.

*** Doutora em Letras pela PUCRS, com Pós-doutorado na UNICAMP. Professora no Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. Bolsista em produtividade do CNPq.

1. Introdução

No ano em que se comemoram os 190 anos da imigração alemã no Brasil, torna-se oportuna a análise de obras que se detiveram nesse acontecimento histórico e em seus desdobramentos, para avaliar o tratamento estético que lhes foi dado. Vários autores da literatura sul-rio-grandense centraram-se nessa temática, enfocando o drama dos imigrantes e de seus descendentes. As obras *A ferro e fogo: tempo de solidão*, de Josué Guimarães, *Um rio imita o Reno*, de Vianna Moog, e *A face do abismo*, de Charles Kiefer, entrevistas uma através das outras, ganham contornos singulares, visto que permitem reconstituir um ciclo que inicia com a diáspora dos germânicos, a qual, um século depois, se repete e se expande em terras brasileiras. O difícil assentamento em terra estranha, os conflitos identitários que opõem os “naturais” da terra e aqueles vindos de além-mar, o movimento para garantir a permanência em solo duramente conquistado recebem tratamento que colocam o processo histórico em segundo plano, para enfatizar dramas individuais, que são significativos da opressão e da exploração do homem pelo homem. São os recursos estéticos que transfiguram a história para transformar o fato particular e específico e instituí-lo como representação do geral e do universal, de que nos fala Aristóteles em sua *Poética*¹.

2. *A ferro e fogo: tempo de solidão: a travessia e o assentamento*

O enredo de *A ferro e fogo: tempo de solidão* (1972) situa-se, cronologicamente, no tempo da imigração alemã, na terceira e quarta décadas do século XIX, principalmente. Ao expor o painel desse momento da história brasileira, o romance zela por assinalar várias situações pelas quais passam as personagens desde o momento do embarque na Alemanha e durante o processo de instalação no Brasil. Ao fazê-lo, vale-se de inúmeras referências do contexto extratextual, como designativos geográficos, São Leopoldo, Rio de Janeiro, Rio Grande, entre outros; nomes de personalidades, Major Schaeffer, Dr. Hillebrand, D. Pedro II, Fernandes Pinheiro, responsáveis em instalar um efeito de real, de verdade no texto. Abstraídos do cenário histórico e transpostos para a ficção, essas personagens mesclam-se com outras de caráter totalmente ficcional, cujos traços peculiares exprimem marcas pessoais e revelam seus destinos, expondo a complexidade do ser e do viver em processos de migração.

¹ Aristóteles, na *Poética*, ao diferenciar história e poesia, afirma que a primeira trata das coisas que aconteceram e, a segunda, das que poderiam suceder. Sendo assim, afirma, a poesia “é algo de mais filosófico e mais sério do que a história”, na medida em que trata do universal, enquanto a história trata do particular (ARISTÓTELES, 1992, p. 53-54).

Em *A Ferro e Fogo*: tempo de solidão, o leitor compartilha a longa e difícil viagem ultramar, recuperada pela memória dos imigrantes, que se veem inicialmente instalados de maneira precária em São Leopoldo, onde vivem todo tipo de dificuldades, enquanto esperam pelo cumprimento da promessa: “há mais de três meses aguardavam que o governo cumprisse com o que lhes fora prometido na Alemanha: uma colônia de terras de papel passado, alguma ferramenta, sementes e animais domésticos”² (GUIMARÃES, 1985, p. 9). Assim, o futuro promissor anunciado na Europa, que previa abundância e prosperidade, contrasta com as dificuldades do presente, gerando um sentimento de frustração.

No contexto de abandono e de penúria do alojamento, emergem duas personagens que se destacam, pelo fato de enfrentarem, de maneira diferente, os desafios que lhes são impostos na difícil missão de lutar pelo estabelecimento em terra brasileira: Daniel Abrahão e Catarina. Elas sintetizam dois extremos: por um lado, está a fragilidade, a insegurança, o temor, a derrota; por outro, a coragem, a força, o sucesso, a vitória, extremos que sintetizam, ficcionalmente, os desafios impostos aos alemães no processo migratório.

Em sua construção, ambas as personagens se complementam pelo contraste: Daniel Abrahão, frágil e submisso às circunstâncias; Catarina, ao contrário do que se esperaria de uma personagem feminina, forte e independente. Embora o momento exija superação, Daniel Abrahão é sua antítese, pois é vencido pelas adversidades que se impõem no penoso processo de assentamento. Logo após a chegada em São Leopoldo, já se vê envolvido por um sentimento de nostalgia: “À noite, sonhava com o pão fresco da Europa, com o perfume das cucas açucaradas, com a fritura das grossas salsichas e do chucrute conservado na vinha-d’alhos”. Na bodega, “quando cantavam as velhas e marciais canções da Alemanha, chupando das canecas o resto de cerveja, Schneider sentia na boca o gosto ardido das lágrimas” (p. 12). Esse sentimento indicia fraqueza e impotência, na medida em que revela que a personagem está tão ligada ao passado a ponto de imergir em um devaneio, em que o sonho traduz uma realidade de abundância inexistente em sua vida além-mar.

Na bodega, Daniel Abrahão conhece seu compatriota Carlos Frederico Jacob Nicolau Cronhardt Gründling, personagem que irá selar seu destino. Gründling é

² As transcrições dos romances *A ferro e fogo*: tempo de solidão, *Um rio imita o Reno* e *A face do abismo* são indicadas apenas pelo número da página em que se encontram a partir da segunda citação de cada obra. Para evitar sobreposição, quando há referências da mesma página, no mesmo parágrafo, elas são indicadas somente uma vez.

delineado, em sua trajetória, como o contraponto negativo da imagem dos alemães, pois encarna o explorador que se vale da situação social reinante para enriquecer ilicitamente. Certa noite, ele propõe “um negócio limpo e rendoso” (p. 14) a Daniel Abrahão: mudar-se com a família para a fronteira e “receber mercadoria desembarcada na Banda Oriental”. Percebendo o pouco entusiasmo do imigrante com a proposta, tenta seduzi-lo com mais promessas: duas carroças com juntas de bois, mais quatro juntas de troca, vinte cavalos, quatro escravos solteiros e mais dois casais além do índio Juanito, um profundo conhecedor das terras e de seus perigos. Esclarece que, na fronteira, pela abundância de terras, é fácil tornar-se proprietário, pois é só chegar e demarcá-las. Informa ainda que, uma vez instalado, Daniel Abrahão receberia a visita do Major Schaeffer “em pessoa”, visto que esse seria sócio na empreitada. Mesclando história e ficção, o autor insere o Major Jorge Antônio von Schäffer, amigo da Imperatriz Leopoldina, que, como Guarda de Honra do Príncipe e Ajudante de Ordens da Princesa Leopoldina, fora responsável pelo recrutamento de soldados e colonos germânicos.

Daniel, no entanto, não se deixa seduzir pela proposta. Catarina, sua esposa, ao contrário, tem outro posicionamento. Ao fazer valer sua opinião, dispõe-se a enfrentar os desafios, estabelecendo, assim, um contraste não somente entre ela e o marido, mas entre duas maneiras de encarar as opções que a vida oferece.

O relato da mudança da família Schneider privilegia aspectos do contexto geográfico, histórico e social gaúcho: além de referências a lugares, a personalidades, o leitor encontra considerações a respeito do momento de tensão política na fronteira e das características da população que reside na região fronteiriça.

No Albardão, pousam em uma estância, cujo proprietário chama-se José Mariano. Lá, Daniel Abrahão vê dois soldados chegarem, para falar com o estancieiro. Juanito, o índio que acompanha a família de alemães, ouve a conversa e fica sabendo que há “um movimento estranho na fronteira, assim como se estivessem em preparativos de guerra” (p. 23). Essa informação, que o índio não repassa ao casal, sinaliza que a família de imigrantes está avançando para um território em guerra. O leitor, ciente do tempo cronológico da obra, pode concluir que se trata da Guerra da Cisplatina, conflito ocorrido no período de 1825 a 1828 entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata e que teve como mote a posse da Província Cisplatina, a região da atual República Oriental do Uruguai.

Ao chegar a uma “grande e frondosa figueira”, Daniel Abrahão e Catarina aí se instalam. Nesta hora, a reação de ambos é semelhante: ela se emociona ao ver a

paisagem onde fundariam sua estância; ele de imediato se ocupa com a construção do casebre, iniciativa que demonstra disposição para o enfrentamento das tarefas a serem realizadas.

Pouco tempo depois, nasce a filha do casal, Carlota – “nome da avó, que ficara em Hamburg” (p. 26). À noite, o pai “se achou mais conformado com o mundo”, e sonha, entusiasmado com o futuro da sua linhagem; sente-se realizado pela tomada de posse da terra, indicativo de um futuro próspero para os netos:

Um dia, estaria vivo, quem sabe, ela se casaria e ao primeiro filho daria o nome de Daniel Abrahão, em homenagem ao avô que não temera o mundo. Se fosse mulher, se chamaria Catarina. A avó tinha tido o seu valor, nunca temera os bugres e nem as feras, atravessara o oceano sem uma queixa, soubera decidir as coisas na hora. Isto mesmo, a primeira neta se chamaria Catarina. Pois aquela era a sua estância, terra a perder de vista, gado que começava a ser arrebanhado, teto seguro a ser melhorado, charque para todos os dias. (p. 26-27)

Essa sensação de bem-estar do imigrante-proprietário acentua-se com a chegada de Frederico Harwerther, seu “velho companheiro da cervejaria da colônia de São Leopoldo” (p. 27). Sem conhecer o real conteúdo dos inúmeros caixotes que o parceiro traz em cinco carretas e, conseqüentemente, sem ter a dimensão do problema em que está envolvido, Daniel Abrahão comemora o reencontro com o amigo e a chegada de ferramentas para o trabalho, sementes, pratos, xícaras e talheres, cobertores da melhor lã, agulhas de aço, fazendas e linhas, espingardas, munição, dois sacos de farinha, fermento, um colar para Catarina, sapatos de lã para Philipp e um “extraordinário” par de botas” para ele (p. 29). Após sair a primeira fornada de pão, Daniel Abrahão demonstra sua satisfação cantando “uma velha canção do Altmark, arrastando a mulher, sob protestos dela, numa dança grotesca que arrancou gargalhadas dos escravos e de Juanito que nunca tinham visto aquilo” (p. 29). A partir dessa reação, o leitor pode identificar um comportamento ambíguo de Daniel Abrahão: se, por um lado, ele demonstra fraqueza e medo ao declinar o convite de Gründling, por outro, ele comemora, dançando com a mulher, a chegada dos instrumentos e das sementes, como se anunciasse farta colheita.

Tempos depois, chegam outras caravanas à casa de Daniel Abrahão: a primeira, sob a responsabilidade de João Carlos Mayer, também amigo da família; a segunda, quando as primeiras espigas de milho já aparecem na plantação, conduzida por Harwerther. Este revela o conteúdo das caixas: armamento. Daniel Abrahão e Catarina ficam apavorados, ainda mais porque o alemão confessa que os “gringos” andam desconfiados e podem aparecer a qualquer momento. Com a revelação, mais uma vez a

opinião do casal diverge: Daniel Abrahão pensa em voltar, mas Catarina se opõe: “Pois eu não quero deixar a minha casa e nem as minhas coisas – disse em voz mais alta e autoritária” (p. 35), diante de uma possibilidade real de tragédia, o que denota a importância que a matriarca dá à posse dos bens, em especial à terra, e seu poder de resistência.

Como previsto, os castelhanos chegam. Catarina pede que o marido se esconda no poço, ordena ao índio que se deite debaixo da carroça e pede silêncio aos escravos que aparecem, ordenando-lhes para que voltem a dormir.

A atitude de Catarina em preservar o marido revela que ela é sabedora da incapacidade dele de enfrentar os perigos que um processo de assentamento impõe. Enfiado no subsolo, Daniel Abrahão está afastado do processo, enquanto a mulher conquista, em definitivo, a posição de heroína, condição que se inaugura quando ela, ainda em São Leopoldo, contraria a decisão do marido e decide aceitar a proposta de Gründling.

Mesmo as maiores adversidades não são capazes de desestimular Catarina: durante as “visitas” dos soldados, ela é estuprada duas vezes, o que não a abala. Apoiada na fé, ela segue a vida e aconselha o marido: “– Dorme, Daniel Abrahão, Deus não abandona a gente” (p. 46).

O marido, pelo contrário, está debilitado, arrasado, um animal no buraco, entregue ao destino. Nessa condição, ele “aperfeiçoou a toca de maneira a passar nela o resto de sua vida” (p. 96).

O fim da guerra encerra, também, o ciclo de maior sofrimento para a família Schneider. Catarina troca as terras por uma casa na Feitoria, pois deseja “pôr um ponto final em todas aquelas infâmias que estavam transformando o seu marido num animal, animal de toca, mente começando a ficar doente, as crianças sem pai, ou tendo por pai um bicho” (p. 106-107). A passagem assinala novamente a importância do papel da matriarca, que tenta restabelecer a antiga ordem, redesenhando traços humanos em seu marido, transformado em “bicho” pela força das circunstâncias. No entanto, apesar dos retoques na aparência, Daniel Abrahão não se transforma espiritualmente: de volta a São Leopoldo, “num pedaço de chão de telheiro, cavou um grande buraco, fez sobre ele uma grande cobertura de madeira e bem ao centro engendrou uma porta de alçapão” (p. 128).

Catarina, por sua vez, inicia seu plano de construir condições para que a família tenha uma vida digna. Inicialmente, ela procura o “inspetor de colonização”, para saber

de seus velhos amigos, e obtém informações de que estão espalhados “por picadas e linhas, alguns ainda em Estância Velha, Bom Jardim, São Miguel, Linha 48, Picada do Café” (p. 129). O leitor pode inferir que Catarina, ao buscar informações sobre as famílias junto ao inspetor, já tinha em mente o plano que viria a executar, e que se sustentava nessa nova configuração agrária resultante do assentamento dos alemães. Ela se revela, portanto, uma mulher perspicaz, astuta e visionária, atenta aos movimentos da sociedade.

Diante da resposta obtida, Catarina começa a executar seu projeto: prevendo as novas demandas dos colonos assentados, compra “couros e correias, tachas, cordéis de selaria, ferramentas especiais” e entrega tudo ao marido, seleiro de profissão, dizendo-lhe que precisam ganhar dinheiro para sobreviver. Dias depois, ela oferece sociedade (meio a meio) a Isaías Noll, um modesto fabricante de carroças. Com essas primeiras medidas, a matriarca constrói as bases para alcançar seu principal objetivo: melhorar de vida. Em seguida, ela visita seus compatriotas e se coloca à disposição para comprar a produção, que venderia em Porto Alegre e Rio Grande, proposta logo aceita pelos amigos.

A matriarca vence as tribulações, conquistando o status de empreendedora de sucesso. Daniel Abrahão, entretanto, continua morando na toca, onde, à luz do lampião, lê a bíblia. É um homem fechado, indiferente ao que acontece em volta, vivendo em um mundo em que a esperança e a ambição não encontram eco.

Assim, é possível verificar que a narrativa, ao expor as venturas e desventuras dos imigrantes alemães em solo gaúcho, traça dois destinos opostos para essas duas personagens, visto que, ante as dificuldades, Catarina se torna cada vez mais forte, ambiciosa e lutadora, enquanto seu marido se distancia da realidade. Assim, ela personifica a força e, por extensão, a vitória e o sucesso, decorrentes dessa característica; ele, a fragilidade, que tem como consequência a imobilidade, a continuidade do *status quo*.

3. *Um rio imita o Reno*: conflito de identidades

Um rio imita o Reno (1939)³ é um romance-ensaio, cujo enredo se desenrola em tempo bem posterior ao de *A ferro e fogo*: tempo de solidão: as referências da temporalidade

³ Importante salientar que o romance foi publicado na Era Vargas (1937 a 1945), governo que instituiu a campanha de nacionalização, que tinha como objetivo integrar os imigrantes e seus descendentes à cultura brasileira. Em 1939, houve a proibição de falar uma língua estrangeira em público, inclusive durante celebrações religiosas, e o fechamento de diversas instituições como clubes sociais. Em 1942, com a

aponta para a década de 1920, portanto, um século depois da chegada dos primeiros imigrantes. Se, em *A ferro e fogo: tempo de solidão*, a tônica da narrativa tem por base o processo de imigração em si, da mudança ao assentamento, com seus inúmeros desafios, aqui o foco é a própria constituição social, com suas virtudes e seus defeitos, na qual transparecem as relações de indivíduos, movidas por crenças e valores, muitas vezes divergentes. A obra representa essas diferenças, que, por não encontrarem tom conciliador, estabelecem conflitos de identidade, que podem ser vistos como uma consequência do processo de imigração, que confronta diferentes culturas.

No romance de Viana Moog, esse confronto é estabelecido pela vinda de um engenheiro amazonense a Blumental, uma cidade tipicamente alemã, onde se desenrola o enredo da obra. Trata-se de uma cidade próspera, situada às margens de um rio e sua posição geográfica, aliada a outros aspectos, como a construção de uma hidráulica⁴ e a própria constituição populacional⁵ sugerem a remissão à São Leopoldo, cidade natal do autor, considerada berço da colonização alemã. Portanto, apesar do tratamento fictício dado à narrativa, de que o nome é exemplo, é possível estabelecer relações com o contexto exterior à obra.

Para trazer à tona o contexto social, político, econômico e cultural da cidade que derivou do processo de imigração alemã, – e, assim, denunciar seus problemas –, o autor se vale de uma série de estratégias narrativas, que partem do próprio enredo. Esse gira em torno do romance entre o engenheiro amazonense Geraldo Torres e Lore, filha de uma das famílias mais tradicionais e influentes da cidade, constituída por Herr Wolf, sua mulher Marta e Karl, outro filho, a nora e um neto. Essa estrutura familiar, agregada em torno da figura de Frau Marta, expõe-se como sólida, característica que a vinda do engenheiro vem a desestabilizar.

Geraldo é enviado a Blumental, para executar o projeto da construção de uma hidráulica, e é através de seus olhos que o leitor capta uma cidade em que predominam costumes e valores da cultura alemã, apesar de ela ser constituída por pessoas de

entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, pessoas que falavam a língua alemã eram presas. Nesse período, jornais, revistas e livros foram destruídos, sendo eliminados documentos que constituíam a memória dos imigrantes.

⁴ Conforme informações no site do SEMAE, a construção da Hidráulica de São Leopoldo iniciou em 1925. Fonte: <http://www.linkedin.com/company/semae---servi-o-municipal-de-gua-e-esgoto-de-s-o-leopoldo>. Acesso em: 26/08/2014.

⁵ De acordo com o historiador Martin N. Dreher, já em 1830, a *Stadtplatz* de São Leopoldo contava com 182 residências, das quais, em 86, residiam etnias distintas da alemã. Até o início da década de 1860, descendentes de portugueses detinham praticamente todos os cargos públicos (DREHER, 2008, p. 12).

distintas origens étnicas. A rigidez dos costumes do grupo que constitui o *status quo*, associada ao preconceito racial, define o conflito da narrativa.

Logo que chega à Blumental, o engenheiro percebe que está diante de uma cidade tipicamente alemã, onde as pessoas preservam e cultivam – com intensidade – as tradições da pátria-mãe. A Alemanha está presente nos sobrenomes de seus habitantes, Wolff, Kreutzer, Becker, Tauben; na língua que falam, *Einen Moment, bitte; Mein Gott!; Trink, trink, Brüderlein trink, lass doch die Sorgen zu Haus; Ach Du, Paulchen; Fünf Mil*, nos letreiros, *Apotheke, Schumacher, Bäckerei*, na arquitetura, nos costumes, nas tradições e, acima de tudo, na consciência que os alemães têm de seu próprio valor. A presença desses elementos evidencia o sentimento de germanidade da população de Blumental, a ponto de Geraldo sentir-se muito distante do Brasil: “Parecia-lhe que tinha cruzado os oceanos e estava longe da pátria” (MOOG, 1987, p. 17).

Percorreu novamente os pontos que sua retina acabara de visualizar. Na praça, ranchos loiros de moças passavam aos pares; no quiosque, ao redor das mesas, sob os plátanos, rapazes cobertos de bonés universitários bebiam descansadamente o seu chope. Pareciam sentir-se ali tão à vontade como se estivessem num bar de Heidelberg ou de Munique. Geraldo então atentou ainda mais para o quadro, retesando a atenção. Blumental dava-lhe a impressão de uma cidade do Reno extraviada em terra americana. (p. 17)

Para Geraldo, Blumental é diferente de todas as outras cidades que conhece: “Em vão procurava dentro de si mesmo reminiscências onde ajustar aquela paisagem. [...] O que tinha diante dos olhos era diferente”. “Onde estaria?”, pergunta-se. Portanto, a diferença do conhecimento de Geraldo em relação ao país destoa do contexto de Blumental, a ponto de ele sentir saudades do Brasil.

Um rio imita o Reno representa, pois, ficcionalmente, o enraizamento dos descendentes que fundam, em solo brasileiro, uma cidade – Blumental – particularizada por traços germânicos, e que, por essa razão, estabelece relações de conflito com o que lhe é externo. O choque se dá entre as personagens, que formam dois grupos distintos: de um lado alemães como os Kreutzer e os Wolff e, do outro, “estrangeiros”, como Geraldo, o secretário da Prefeitura, o promotor, Armando Seixas, Vidalzinho, Cordeiro, entre outros.

Esse culto à tradição germânica, patrocinado especialmente pelas famílias de maior poder aquisitivo, como os Kreutzer, que “seguidamente vão à Alemanha” (p. 12), e os Wolff, se reflete no posicionamento axiológico do grupo. Respaldados no poder aquisitivo, sentem-se próximos do país de origem e assumem a obrigação de pensar como os patrícios do além-mar. Assim, o nazismo, que está em plena ascensão na

Alemanha, encontra eco em parte da população de Blumental, que nutre simpatia por essa ideologia. Na biblioteca da cidade, Geraldo encontra vários livros sobre o assunto: “as estantes embutidas estão cheias de publicações recentes da Nova Alemanha: desde o *Mein Kampf*, de Adolph Hitler, ao *Das dritte Reich*, de Moeller van den Bruck”; desde o *Staat, Bewegung, Volk*, de Hans F. K. Günther, ao *Praktische Kulturarbeit im dritten Reich*, de Hans S. Ziegler. (p. 49-50).

Karl Wolff é um dos admiradores de Hitler, que, para ele, é “um homem extraordinário que de simples pintor de paredes, de simples soldado na Grande Guerra se transformara pelo próprio gênio no maior dos alemães. [...] Maior que Frederico II, maior do que Bismark” (p. 67).

Os exemplos mostram como o sentimento de descendentes de alemães pela terra natal e pela própria origem é marcante, salientando-se o orgulho de pertencerem a uma “raça superior”. Assim, apesar de Blumental ser habitada por várias etnias, cujos representantes vivem pacificamente, o preconceito está presente. Karl Wolff, por exemplo, afirma: “A prosperidade do sul vem da raça. Somos um povo mais forte e decidido” (p. 71). Ele pensa que a riqueza da região é “produto exclusivo do trabalho alemão”, e considera “com orgulho a ascensão de Blumental”, que, “de mera feitoria há cem anos”, se transformara no “parque industrial que lhe valia o nome de Manchester do Brasil” (p. 69).

Frau Marta, por assumir esse mesmo posicionamento, desaprova o namoro de sua filha com o engenheiro Geraldo: “– Não suporto com a ideia de ver-te casada com um homem de raça inferior”, declara. Para ela, “quem não tivesse sangue ariano puro estava irremediavelmente condenado: era negro” (p. 93). O fato de sua filha pensar de modo diferente tem, segundo Frau Marta, uma explicação: “Tudo resultado de haver transigido em mandar educá-la num colégio católico, junto com as moças de outra raça. Ou talvez consequência de sua estada na Alemanha anarquizada e vencida após-guerra⁶” (p. 96).

A burguesia, representada no texto, visa afirmar-se pelo poder e obstina-se em declarar a superioridade da etnia, o que é revelado pelo antagonista dos Wolff, Herr Stahl: “Desde que leram o Velho Testamento ficaram malucos. Andam sempre à procura de um Moisés e com essa mania de superioridade de raça” (p. 108).

⁶ A afirmação da personagem remete ao período do esfacelamento da economia da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial.

Estão, portanto, instaladas as condições para a emergência do conflito da narrativa gerado pelo envolvimento amoroso entre Lore e Geraldo Torres, um brasileiro do Amazonas. Embora o motivo da vinda do engenheiro para a cidade atenda a um projeto útil e necessário para a coletividade, ele não é aceito e, por imposição da família Wolff, é transferido para outro lugar.

O autor utiliza uma estratégia narrativa ligada à temporalidade para enfatizar, de forma metafórica, a dimensão e a permanência do conflito étnico. À medida que os dias passam – o tempo cronológico é de um ano, dividido em quatro estações –, Geraldo, e, por extensão, o leitor, vivenciam o conflito de identidade que se estabelece entre as personagens. Entretanto, o ciclo da natureza, que continuamente se repete, sugere a imutabilidade das circunstâncias socioculturais da pequena Blumental: a intervenção do engenheiro em seu espaço e na vida familiar dos Wolff é apenas um episódio que não consegue alterar a rígida estrutura estabelecida.

Um rio imita o Reno, portanto, registra a consolidação de uma comunidade germânica em solo brasileiro, que, voltada sobre si mesma e apoiada em seus costumes e crenças, forma um muro que impede a integração da diversidade cultural bem como a miscigenação. Esse enfrentamento étnico é denunciado pelo texto, que assume uma face diversa em relação à expressa em *A ferro e fogo*: tempo de solidão.

O contexto representado na obra de Viana Moog diverge do constituído por Josué Guimarães. O ponto de vista instituído em Blumental é o da preservação das raízes do germanismo. Os objetivos dos protagonistas de um texto em relação a outro mudaram, permanecendo, no entanto, uma característica marcante: a defesa. Em *A ferro e fogo*: tempo de solidão é preciso defender os interesses para garantir a posse da terra; em *Um rio imita o Reno*, o imigrante, já estabilizado economicamente, se defende do que considera uma ameaça à manutenção de sua cultura.

4. A face do abismo: ocupação e expulsão

A face do abismo, ao narrar a história de San Martin, desde sua fundação até seu desaparecimento, em função da construção de uma barragem, contempla um outro movimento de migração pelo qual passam descendentes de alemães. Assim, é possível afirmar que o romance recupera, em um novo tempo, a saga vivida pelos imigrantes e narrada nos dois romances analisados anteriormente. A obra completa, com um terceiro acontecimento, a expulsão da terra, que causa emigração e, por essa razão, fecha o ciclo vivido pelos imigrantes germânicos e seus descendentes.

No romance de Kiefer, entretanto, o elo entre história e ficção não está somente na trajetória dos migrantes alemães e nas questões que a ela dizem respeito, mas também no extermínio de populações indígenas e na usurpação de suas terras. Vários elementos garantem e fortalecem a relação entre ficção e história: referências espaciais (Rio Uruguai, Rio da Prata, Santa Rosa, Santo Ângelo, Cruz Alta, São Leopoldo, Passo Fundo, Porto Alegre, São Paulo), de partidos políticos (MDB e ARENA), a instituições (FUNRURAL, Banco do Brasil, Brigada Militar), a personalidades (Getúlio Vargas, Antônio Augusto Borges de Medeiros, Fidel Castro, Marx Engels, Lênin), a fatos históricos (II Guerra Mundial, revoluções de 1923, 1930, 1932). Muitas dessas referências aparecem na cronologia, apresentada ao final da obra, misturadas a dados ficcionais.

O processo de assentamento é, para a leva de migrantes, uma experiência dolorosa, visto que tudo precisa ser feito: desmatamento, construção das habitações, preparação da terra para o plantio, em um ambiente hostil, em função dos perigos que a mata virgem oferece e que são personificados na figura do índio. San Martin surge nesse contexto, tendo, como agentes, personagens que se desvelam diante dos olhos do leitor, revelando seu caráter e sua personalidade.

Inicialmente, uma aldeia indígena é destruída pelo bugreiro José Tarquino Rosas (e seu bando), que “limpava o terreno para que os colonos pudessem ter posse das terras” (KIEFER, 1994, p. 22). Surgem, então, os imigrantes vindos de São Leopoldo: doze famílias, totalizando 76 pessoas, que se instalam sobre as cinzas da aldeia guarani. A região está infestada de cobras, onças e índios dispersos, e os homens, imbuídos de coragem, tomam os machados e as foices e iniciam a derrubada da mata.

Depois de um ano, a picada está constituída: há uma rua principal, tendo à margem as residências dos colonos e, um pouco afastada, a de José Tarquino, que ainda não “fora admitido totalmente pela comunidade” (p. 33). A terra fora semeada e a colheita havia sido farta. “A notícia da fabulosa colheita de milho correu mundo” (p. 54) e atrai muitos outros colonos. Em 1915, é instalado, no vilarejo, o escritório da Comissão de Terras, o que faz “San Martin explodir em estradas de rodagem, pontes, moradias” (p. 74), solidificando a povoação. Outro estágio de desenvolvimento ocorre quando o governo perdoa as dívidas dos caboclos e lhes dá os títulos de propriedade (p. 76), muitos dos quais são vendidos aos alemães.

Ao longo da instalação e povoamento de San Martin, aparecem os dramas pessoais das personagens. Se, por um lado, é possível, por meio de suas atitudes,

desvendar as diversas identidades que constituem o núcleo habitacional, por outro, elas estabelecem uma síntese da sociedade do lugar. Várias personagens são importantes para definir esse retrato pessoal e coletivo, em que as diferenças explodem em conflitos.

José Tarquino Rosas e seu filho Gumercindo Rosas são representativos do preconceito que reina em San Martín. O primeiro, após os atos de crueldade contra os nativos, com o intuito de preparar o lugar para que os alemães pudessem edificar suas casas e cultivar suas propriedades, tenta, em vão, ser aceito pela comunidade germânica. Apesar de seu esforço para integrar-se – convidava os alemães para caçadas e pescarias, rodadas de carteados e churrascos, ensinava-lhes coisas e esforçava-se para aprender o idioma deles – olhavam-no “sestrosos, evitavam-no. Esperavam, ansiosos, que juntasse as suas coisas e os seus homens e partisse” (p. 33). Mesmo assim, ele instala uma serraria na picada recém-fundada. Posteriormente, após casar-se com a viúva Herta Müller, mãe de três filhos, a relação com os imigrantes se estreita: “Não lhes conquistara a amizade e o respeito completos, mas já o tratavam com bonomia, desarmados de suas carrancas de medo e desconfiança”. Entretanto, o mesmo não ocorre por parte de sua desafeta, à época, Frau Zeller, que incita os compatriotas a expulsarem Herta da comunidade, “alegando que ela deixara de ser digna de consideração humana, vendida que estava ao diabo, endemoniada, louca” (p. 45).

Logo após o casamento de José Tarquino e Herta, a casa dele é incendiada: “Claro, quem ateou fogo ao barraco deles esperava que José Tarquino se enfurecesse e deixasse a vila” (p. 47). Mas ele a reconstrói e amplia seu lote com a compra de mais vinte e cinco hectares. Tempos depois, nasce o filho Gumercindo.

Paralelamente, o ex-bugreiro relaciona-se com Milena Zeller, esposa de Herr Zeller, com quem tem uma filha, Alberta, que nasce enquanto os homens, entre eles José Tarquino, Gumercindo e o próprio Zeller participam da revolução de 1923. Ao saber que o marido tombara no conflito, Milena entra em luto e se afasta do amante.

José Tarquino prospera. Além da serraria, constrói um curtume, uma casa para o filho e adquire mais terras. Mas, “junto com a riqueza e o prestígio, vieram também os cabelos brancos, as dores reumáticas e os acessos alérgicos na presença de gatos e poeira” (p. 112). Na medida em que melhoram suas condições de vida, também a cidade progride, de forma que é possível afirmar que o ex-bugreiro, agora empresário, tem papel importante na prosperidade de San Martín.

José Tarquino falece três dias após o suicídio de Getúlio Vargas. Quando toma conhecimento do ocorrido no Catete, tranca-se no quarto, veste a farda do Corpo de

Provisórios e, três dias depois, “completamente fora de si, gritando que os índios estavam cercado a casa, implorando um cavalo e um revólver para defender-se, descansou” (p. 142).

O filho de José Tarquino, Gumercindo, também tem importância destacada no destino de San Martin, estabelecendo-se um paralelismo entre ambos. Gumercindo acompanha os passos do pai e assume funções na serraria. Casa-se com Laura, moça de descendência alemã, residente em Pau D’Arco, e lhe impõe uma vida de submissão. Por essa razão, a mulher é infeliz, como uma das passagens expressa de modo incisivo:

A mulher é escrava do homem, Laura pensou. Gumercindo tirou as botas, abriu a fivela da cinta e a braguilha e, enquanto preparava um cigarro de palha, ela ajoelhou-se e antes dele mergulhar os pés na água tépida passou pela memória dela a infância em Pau D’Arco, e ainda antes de lavá-los estava chorando em silêncio. Laura manteve os olhos no chão durante a tarefa, repugnava-lhe servir assim ao homem que um dia dissera amá-la e pelo qual enfrentara o racismo da família e o próprio ostracismo. (p. 99)

Essa mesma cena elucida o caráter violento de Gumercindo:

Levanta os olhos, ele disse. Laura levantou-os, sim, mas fulgurantes de ódio abafado. Por que essa cara de peixe morto? Ele perguntou. Ela nada respondeu e por isso ele, com um violento pontapé, virou a bacia de alumínio, alagou o assoalho. E não quero ouvir os seus gemidos, recomendou Gumercindo Rosas. (p. 99)

Na mesma noite em que ocorre essa agressividade gratuita, Laura comete suicídio por enforcamento.

Gumercindo exerce a função de intendente da cidade, cabendo-lhe a tarefa de anunciar a construção da barragem e, conseqüentemente, o fim de San Martin. O anúncio ocorre a 23 de março de 1979, via rádio: “San Martin sai da história para entrar na História” (p. 30), informa. Quando lê o ofício que confirma a construção da barragem no leito do rio Uruguai, San Martin já é uma cidade constituída, assim como o fora a aldeia guarani destruída pelo bugreiro e seus homens:

Mais de setenta e cinco anos depois do massacre da aldeia guarani, no exato ponto em que José Tarquino Rosas, girando o braço em torno do próprio corpo, determinara onde seria o centro da praça e a rua principal, havia não só a rua principal e a própria praça, mas também uma catedral católica neoclássica [...] e uma igreja menor, moderna, há pouco inaugurada pelos protestantes [...] a Associação Comercial e Industrial, um colégio secundário, um outro prédio imponente [...]. Além disso, ao redor desse núcleo principal, e espraiando-se ao longo do tempo e do espaço como uma pedra jogada num lago, encontravam-se ruas e becos nos quais alinhavam-se centenas de casas de alvanel, meióguas e, na periferia, casebres construídos com restos de caixotes, latas de azeite e sacos plásticos de adubo. (p. 145)

Cumprido o destino de San Martin, salienta-se o paralelismo entre José Tarquino e Gumercindo Rosas: empreendedores audazes, impulsionam o desenvolvimento

econômico do espaço em que se situam; incapazes de reconhecer os traços humanos em seu entorno, casam-se com mulheres de etnia diferente da sua, enfrentando o preconceito que eles mesmos disseminam; estão diretamente envolvidos com um processo de destruição em nome do progresso: José Tarquino aniquila a aldeia indígena; Gumercindo é obrigado a acatar a destruição da cidade que seu pai fundara.

Diante desse panorama, é possível afirmar que *A face do abismo* explicita, na medida em que narra, a fundação, o crescimento, a consolidação de San Martin como cidade e sua destruição. Nesse painel, o texto traduz o destino de migrantes alemães e de seus descendentes, que assumem a condição de colonizadores, caracterizada pelo combate ao outro, no caso, o indígena, que é morto ou afugentado de suas terras. Com a execução do projeto de construção da hidrelétrica, os descendentes dos imigrantes alemães são destituídos de suas terras, tal como haviam feito com os nativos. Dessa maneira, são vítimas e algozes de um mesmo sistema, que expulsa e permite expulsar, em uma dinâmica cíclica, em que colonizar significa, também, usurpar, espoliar, submeter e anular a memória do colonizado.

5. Considerações finais

Embora tratem de temas distintos e representem episódios situados em momentos sócio-históricos diferentes, indo do processo de imigração e assentamento e do conflito gerado pela aproximação de etnias diversas à consolidação de uma cidade que, por sua vez, sofre processo de destruição semelhante àquele que a instituíra, *A Ferro e fogo*: tempo de solidão, *Um rio imita o Reno* e *A face do abismo* apresentam aspectos em comum.

A reflexão sobre a história, constituída por agentes anônimos, ganha evidência visto que os autores lhes dão forma e identidade, revelando conflitos particulares a que subjazem crises da realidade empírica. Integrando história e ficção, esse procedimento converge para a afirmação de Alfredo Bosi, segundo o qual “a liberdade do possível inclui o real, não ignora o real: abraça o real, vai até as entranhas do real e tira do real os desejos de alguma coisa que o real ainda não é” (BOSI, 1997, p. 17). Surge, dessa maneira, um novo contexto, em que sobressaem dramas coletivos e pessoais, em especial, estes últimos, na medida em que as personagens se locomovem nos espaços e, ao fazê-lo, desnudam seus valores, suas crenças, suas qualidades e seus defeitos e, embora constituam identidades particulares, em função de seus traços humanos, ganham contornos universais.

Assim, Catarina Schneider expõe-se como exemplo de superação em face das dificuldades, simbolizando os que protagonizam uma colonização bem sucedida; Daniel Abrahão, ao contrário, transcende seu papel ficcional ao presentificar vítimas de uma conjuntura, aqueles que, por não estarem imbuídos de força para vivenciar os eventos, acabam perdendo a vitalidade a ponto de habitar o subterrâneo, destinado aos mortos; Carlos Frederico Jacob Nicolau Cronhardt Gründling representa a todos que se valeram das dificuldades alheias da época em proveito próprio. Na Blumental de Viana Moog, o engenheiro Geraldo, um “intruso” na cidade, devido a sua cor, denuncia o preconceito étnico e racial; Lore, submissa aos ditames da família Wolff, figurativiza o sofrimento dos que são presos entre as muralhas dos padrões culturais; a família Wolff, exemplifica aqueles cujo orgulho desmedido sofre os reveses da realidade. Por último, José Tarquino agudiza as contradições e, assim, a complexidade do humano, pois, ao mesmo tempo em que é capaz de assistir calado a seus comandados quando estes estupram uma indiazinha e, após o crime, descer do cavalo e urinar sobre o rosto ensanguentado da vítima (p. 20), consegue, em uma caçada, acompanhado do filho, poupar a vida de um casal de tigres por estarem “nas funções do amor” (p. 85). Gumercindo encarna a crueldade e, apesar disso, a suscetibilidade à dor da ausência.

Portanto, *A ferro e fogo: tempo de solidão*, *Um rio imita o Reno* e *A face do abismo* são obras representativas da natureza humana e do cenário da história da colonização alemã no Rio Grande do Sul, tanto pela revelação de aspectos pessoais e particulares de suas personagens, quanto pela composição de um quadro significativo dos contextos sócio-históricos do período a que os eventos da narrativa remetem.

Com efeito, o leitor depara-se, em sua leitura, com a reconstituição de um importante ciclo da história rio-grandense, em que os imigrantes alemães e seus descendentes têm papel central. Se em *A ferro e fogo: tempo de solidão* a tônica da narrativa marca as dificuldades enfrentadas pelos pioneiros da imigração, em *Um rio imita o Reno* a ênfase recai sobre a revelação do preconceito. *A face do abismo*, por sua vez, aparece como uma síntese, na medida em que, cronologicamente, refaz o ciclo em sua totalidade, significando tanto as agruras da primeira fase, já descritas em *A ferro e fogo: tempo de solidão*, quanto as dificuldades do convívio social, expressas em *Um rio imita o Reno*. Nesse sentido, a obra de Charles Kiefer fecha o ciclo do movimento migratório, vinculado aos alemães, pois, com o desaparecimento de San Martin, extingue-se a possibilidade de uma nova diáspora, sustentada por uma comunidade germânica no Rio Grande do Sul.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo, Ars Poética, 1992.

BOSI, Alfredo. As fronteiras da literatura. In: AGUIAR, Flávio. *Gêneros de fronteira: cruzamento entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

DREHER, Martin N. Destinos: Colônia de São Leopoldo. In: GRUTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. *Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: recortes*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

GUIMARÃES, Josué. *A ferro e fogo: tempo de solidão*. 7. ed., Porto Alegre: L&PM, 1985.

KIEFER, Charles. *A face do abismo*. 2. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

MOOG, Viana. *Um rio imita o Reno*. 9. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.